



ENTREVISTA

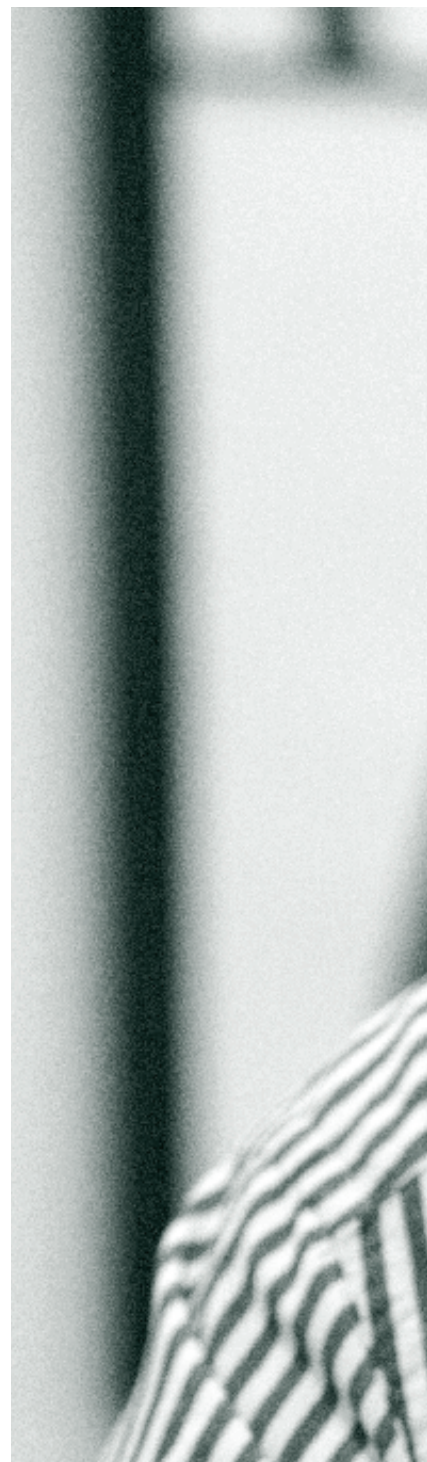
HEITOR FERREIRA DE SOUZA

85 anos, arquiteto

“Penso no cidadão.
O cidadão inserido no
contexto da cidade”



Heitor Ferreira, arquiteto formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo, conhece o Brasil como poucos. Em sua carreira como arquiteto, e depois, elaborando Planos de Planejamento Urbano, conheceu muito da realidade do país. Para Heitor, pensar a urbanização exige prever as implicações sociais e aponta, com convicção, para a responsabilidade do Poder Público em disponibilizar instrumentos que informem ao cidadão sobre como usar os espaços da cidade.



RAIO-X
Heitor Ferreira
de Souza

85 anos, Rio Grande
do Sul. **Ocupação:**
Arquiteto



MAIS 60 Heitor, conte um pouco da sua história, para situarmos nosso leitor.

HEITOR FERREIRA Bem, eu nunca dei uma entrevista falando de mim mesmo (risos) e, sob esse aspecto, é um desafio. Como narrar da melhor forma possível, sem exagerar, sem ultrapassar os limites, isso é importante. Posso cometer alguns excessos ou deixar passar alguma coisa importante. Mas, vejam vocês! Neste momento estou me dedicando a contar minha vida aos meus netos. Estou elaborando um documento, porque considero importante, para que saibam de onde vieram, quero criar essa referência, que não tive e da qual sinto falta.

Então aproveite para compartilhar conosco e com os nossos leitores.

Sim, claro. Meu pai chamava-se Hildebrando. Era alagoano, filho de uma família importante da cidade de Penedo, às margens do Rio São Francisco. Meu avô foi capitão da Guarda Nacional. Devia ter posses, tanto que a casa da família em Penedo foi tombada pelo patrimônio. Um casarão, que na parte superior abrigava a família e no andar térreo um comércio.

Você já havia mencionado ser de uma família grande, seu avô casou-se duas vezes.

Meu avô teve 14 filhos. Quando a primeira esposa morreu de parto, ele casou-se com a irmã mais nova da falecida que, na ocasião, tinha por volta de 13 anos. Assim, além de cuidar dos sobrinhos ela ainda lhe deu mais sete filhos.

Esse era um costume comum.

Sim, e isso dá apenas uma ideia de como a vida corria no Nordeste. No caso de meu avô, ele era abastado, tanto que os primeiros filhos formaram-se todos em Medicina. Algum tempo depois, a família desce para a Bahia, em seguida para o

Rio – aqui ele deixou também um filho – e, finalmente, chega a Santana do Livramento, lá na fronteira com o Uruguai.

Seu pai nasceu em Alagoas e acabou estabelecendo-se no Sul com a família.

Nasceu em Alagoas, foi criado na Bahia e chegou à fronteira com o Uruguai. Agora quero contar um fato curioso. Desses 14 filhos, apenas duas eram mulheres. Tia Sinhá e a caçula, que nasceram na Bahia, onde era costume que um dos filhos fosse freira ou padre. O resultado é que meus avós estavam frustrados porque nenhum dos filhos seguira a carreira religiosa. Bem, Tia Sinhá casou-se na fronteira com um uruguaio muito rico, militante político que terminou sendo assassinado. O que fez a viúva? Entregou toda sua herança do casamento à igreja católica e entrou para um convento; resolveu a questão (risos). Mas, enfim, são fatos que mostram nossas histórias e costumes.

Depois de estabelecerem-se no Sul, o que fizeram?

Parece que meu avô se deu mal financeiramente. Prova disso é que, enquanto os filhos mais velhos formaram-se todos na universidade, os mais jovens tiveram dificuldade para estudar. Meu pai, eu não sei ao certo se completou o curso primário. Resultado: meu pai empregou-se, quando jovem, no Preço Fixo, que era a casa mais chique da Rua da Praia, em Porto Alegre, só produtos importados. Ser balconista naquele estabelecimento era um privilégio. Ao mesmo tempo tinha uma chácara, não sei se alugada, lá no Cristal, onde é, hoje, exatamente, o estádio do Internacional Colorado. Ele criava galinhas, gado de leite. Como minha mãe não pôde me amamentar, eu tinha uma vaca só para mim, a Fumaça. Era uma vida bem dura, tirava leite de madrugada,



entregava na vizinhança, e, depois, o trabalho no Preço Fixo, na cidade.

A subsistência da família dependia da chácara e do emprego na loja.

Exato. Meu pai teve seis filhos. Duas meninas morreram, não sei se no parto. Mas, de qualquer forma, dá ideia das dificuldades, principalmente para minha mãe.

Sua mãe tinha ascendência húngara.

Sim, minha mãe era filha de húngaros, de colonos que vieram da Europa no século anterior – mil e oitocentos e tanto. Conheci meus avós: vó Maria e meu avô Joseph. Algumas coisas eu não tenho certeza, mas é parte importante da nossa origem. Estarei com minha irmã mais velha em Florianópolis e quero perguntar algumas coisas a ela, já que estou tentando reconstituir nossa história para passar aos meus netos, principalmente.

Fale mais de sua mãe.

Não sei que formação teve minha mãe. Primário no máximo, também. Minha avó tinha uma pensão em Porto Alegre e um armazém em Ca-

nela, próximo de Gramado. Chegamos a morar um período na pensão em Porto Alegre. Essa fase do Cristal foi muito importante para mim. São as primeiras lembranças que tenho.

Esse dia a dia na chácara com plantação, animais...

Exato. A vida rural. Meu pai era muito inteligente. Não sei como, à noite, ele lia muito. Conseguia estudar, por exemplo, uma publicação argentina chamada “Chácaras e quintais”. Por volta de 1934, 1935, ele foi convidado para montar a primeira mecanização do leite da América Latina, numa granja, chamada Granja Regina.

Lá no Sul mesmo?

Essa é outra história interessante. Essa senhora, não lembro o nome, que convidou meu pai para trabalhar montou a granja depois que apostou na primeira loteria da Caixa Econômica Federal, apostou na chapa de seu carro e ganhou (risos). Já devia ter muito dinheiro porque, naquele tempo, ter carro era uma exceção. Com isso ela montou a Granja Regina e

meu pai instalou todo o processamento de leite, na época algo importante, uma novidade. Não tenho certeza, mas acho que foi o primeiro da América Latina. Minha mãe também trabalhou lá. Meu pai, mesmo sem formação, deu um grande avanço nessa técnica.

Seu pai era um autodidata.

Exato, você veja, isso configura nossa origem. Depois trabalhou em outra fazenda no Esteio, em Porto Alegre, até que foi convidado para administrar a produção de leite em uma fazenda aqui em São Paulo, na Granja Itahyê, em Perus, no final de 1938. Viemos de ita, os famosos itas, no Itambé. Trazíamos vacas no porão. Aqui na fazenda Itahyê, nasceram meus irmãos mais novos. Ficamos de 1939 até 1942. O resultado foi que, em 1939, eu tinha 8 anos, foi quando entrei na escola, um pouco tardiamente, em relação às outras crianças. E eu só estudei na escola da fazenda, numa sala única que tinha desde alfabetização até as salas mais avançadas, porque era tudo meio precário. Imagina naquele tempo, se hoje já é difícil para o professor, imagina naquela época.

Seu pai veio para administrar a produção de leite?

Sim, essa fazenda pertencia ao Dr. Alberto Jackson Byington, industrial, e sua esposa era Pérola Byington; vocês devem conhecer, há um hospital com o nome dela aqui em São Paulo. Entre 1941 e 1942 fiz o curso de admissão no Colégio São Bento. Acho que dona Pérola pagou o colégio, porque meu pai não teria condições. Meu pai era muito rígido com os empregados e com os filhos. Fiquei interno no São Bento.

Guarda boas lembranças dessa época?

(risos) Mais ou menos. Fiquei apenas seis meses no colégio, porque meu pai resolveu voltar



“Naquela época, em São Paulo, depois da guerra, houve um grande influxo de estrangeiros e não havia hotéis suficientes. Foi quando se desenvolveram as famosas pensões. Pensões de muito bom nível”

para o Sul. Voltamos todos, para uma chácara em Viamão, que faz parte da Região Metropolitana de Porto Alegre. Ficamos um ano e meu pai volta para São Paulo. Alugamos uma casa grande – na Nestor Pestana, atrás da Igreja da Consolação – e montamos uma pensão. Naquela época, em São Paulo, depois da guerra, houve um grande afluxo de estrangeiros e não havia hotéis suficientes. Foi quando se desenvolveram as famosas pensões. Pensões de muito bom nível. Tanto que nas pensões moravam diretores de empresas, médicos, enfim, eram casas de bom nível.

Seu pai era, na verdade, um empreendedor.

Sim, mas quem tocava a pensão era minha mãe (risos). Ela operava, vamos falar assim, ele empreendeu e ela administrou (risos). Estávamos lá quando acabou a guerra, no dia 8 de maio de 1945. Fiz a segunda e a terceira séries no Colégio Oswaldo Cruz, mas, logo depois, fiz uma prova e passei no Roosevelt, que era colégio do estado muito disputado. Depois meu pai mudou para Porto Alegre de novo (risos) porque, nesse meio-tempo, ele foi ser vendedor das máquinas Elna. Uma máquina pequenininha, do tamanho de uma maleta. Uma máquina fantástica. Foi vendedor e depois nomeado gerente da Elna em Porto Alegre.

Outra escola em Porto Alegre.

Sim, estudei em colégio público – Júlio de Castilhos –, excelente. Por causa de tantas mudanças tive minha formação estudantil muito atabalhoada. Meu pai achava que eu tinha de ser engenheiro e inscreveu-me na Engenharia em Porto Alegre, mas eu não fiz. Comecei a frequentar a Belas-Artes, e resolvi não prestar vestibular, durante três anos. Em 1952, meu pai resolve voltar para São Paulo e precisava me preparar

para o vestibular. No cursinho conheci Ubyrajara Gilioli¹, meu grande amigo. Passei no vestibular em terceiro lugar e ele em quarto (risos). Nesse tempo, meu pai montou outra pensão, dessa vez na Rua Veiga Filho, e o Bira foi morar comigo e passamos a ficar sempre juntos.

Você passou no vestibular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Em 1952. Sabe, minha mãe dizia que, quando pequeno eu era muito tímido, muito retraído. Ao recebermos visitas, mesmo de familiares, eu me escondia embaixo da mesa, enfim. Quando entro na FAU, mudo totalmente. Imagine você, nosso professor mais famoso era João Batista Artigas², ligado ao Partido Comunista. Poderia lecionar apenas para quarto, quinto ano, mas não, gostava de lecionar no segundo ano para os novos alunos. Ele fez a minha cabeça (risos). Artigas era fantástico, a primeira aula a que assisti era sobre cozinha. Cozinha, falava sobre a questão do processamento dos alimentos, parecia que não tinha relação, mas tinha! Os alunos esperando por um assunto mais geral, ele fazia todos pensarem. Esse era o Artigas, essa sua capacidade.

A vida universitária provocou uma transformação em você.

Certamente. A FAU naquela época era fantástica. Tínhamos uma cadeira de Economia Política. O professor Mario Vagner Vieira da Cunha,

¹ Arquiteto que, juntamente com Heitor Ferreira, fez parte da equipe de Vilanova Artigas.

² João Batista Vilanova Artigas (1915-1985) foi um arquiteto brasileiro, considerado um dos principais nomes da história da Arquitetura de São Paulo, não só pelo conjunto de sua obra aí realizada mas, também, pela sua atuação na formação de arquitetos.



marxista, acho que fez muito minha cabeça, também. Por outro lado, eu participava do grêmio esportivo. Fazia tudo: atletismo, voleibol, futebol, natação. A prática esportiva faz parte da minha história, também.

No ambiente universitário acabou por participar de competições esportivas.

Exato, e isso me ajudou muito, nas questões dos relacionamentos, da sociabilização.

Conta como foi convidado para participar em Varsóvia de um seminário.

Eu estava no terceiro ano, foi em 1954. Fui chamado pela universidade e informado de que seria designado para ir à Polônia, em viagem de representação da USP. Era um evento ligado àquela fase de descontração dos países satélites da União Soviética, que não tinham relações diplomáticas com o Brasil, e antes da troca de

embaixador, são realizadas missões culturais, esportivas. Entendi que o convite estava dentro desse contexto, de aproximação do Brasil com a Polônia. Acho que foi o Artigas que me indicou.

Você foi indicado como representante juntamente com um professor.

Isso, o professor era Vergareche Maltrejean. Basco e, como todo basco, revolucionário (risos). Em seguida, estávamos viajando para o Rio de Janeiro a fim de embarcar. Isso também é interessante. Em 1954, São Paulo não tinha voo internacional. Para ir à Europa, era preciso ir até o Rio de Janeiro e, no Galeão, tomar o avião. Fomos ao Rio de ônibus. Quem organizou tudo foi o Artigas.

Então, certamente havia o dedo dele nessa articulação.

Pois é. Mas recebemos passagem só de ida, não tinha de volta (risos). Eu me recordo de que, na minha despedida, estava o Ubyrajara, a turma da FAU.

Para seus pais foi algo importante também, o filho que estudava na FAU, ir ao exterior representar a universidade?

Pois é, o que demonstrava já que eu estava mudando (risos). Não era mais o mesmo Heitor. Considero essa viagem fantástica e influenciou muito minha maneira de ser. Saímos do Brasil para a Europa, o avião vinha do Chile e seu trajeto era Rio-Recife-Dakar-Lisboa-Madri-Alemanha. Depois para a Dinamarca, porque para atravessar a “Cortina de Ferro” tinha de passar por cima do polo, não tinha, na época, voos diretos. Tudo indica que foi uma passagem cara, mas, enfim, levamos 36 horas para chegar a Copenhague; impressionante e cheio de escalas, e tínhamos de esperar instruções, sobre como

fazer para chegar a Varsóvia. Chegando a Varsóvia, lá nos esperava Mercedes, com flores. Era espanhola, seu pai fora médico na Espanha e lutou contra os alemães em 1936. Assim como outras crianças órfãs, após a morte de seu pai Mercedes foi levada para a União Soviética, onde cresceu, estudou e casou-se com um arquiteto polonês. Ela também era arquiteta. Naquele momento a Polônia estava arrasada, por causa da guerra. Ruas cheias de entulho, destruídas, impressionante! Participamos do congresso, e, realmente, fomos tratados excepcionalmente bem. Assisti a uma apresentação de música na casa em que viveu Chopin. Todos os anos acontece, nos arredores de Varsóvia, um concurso de jovens pianistas e o vencedor faz uma apresentação nesse local.

Heitor, em outra entrevista você conta que ficou muito impressionado com o “Novo Plano da Cidade”, de reconstrução da cidade de Varsóvia do pós-guerra. Você cita os parques e aponta que eram muito mais que meros jardins: o conceito era de parques de cultura. Lembra, também, o carinho com a tradição. Você fez parte da equipe que concebeu o projeto Comunidade “Brasílio Machado Neto” em Suzano, nos anos 50. O conceito de “cidade jardim” estava presente? Mais além, já se distinguia em você esse olhar de uma urbanização diferente? O parque, os espaços, a importância do entorno para o ser humano.

Lógico e vou dar um exemplo. Quando estávamos ainda na FAU, teve uma vez, um concurso de universidades com o tema das comunidades. Fizemos um trabalho tomando como princípio uma aldeia dos índios. A equipe era o Bira, o Araújo, eu. A ideia da integralidade, completude, é fantástica. Usamos como exemplo. Aquele projeto foi significativo para que eu assumisse esse

conceito. Alguns princípios do comunismo no Brasil também nos alimentavam.

Sua criação passa – e você comentou que gosta disso – por conceitos, por ideias que tomam corpo.

Aliás, você está observando e eu considero isso muito importante. Sempre fui atento às questões sociais urbanísticas. Por exemplo, na Comunidade Sesc que construímos em Suzano, temos uma estação de tratamento de água. Ela é totalmente singular. Não criamos algo parecido com um prédio quadrado, não. Dividida em andares – inclusive com uma caixa-d'água –, uma escada nos leva a um mirante onde se pode observar todo o entorno. Ela chama a atenção, uma grande torre. Se fosse um prédio como outro, não faria diferença. Esse é um aspecto que desenvolvi profissionalmente e pessoalmente também.

Falando um pouco do que eu pude perceber da sua obra, seu olhar se volta muito para as edificações, mas sem desconsiderar o diálogo com o entorno. A funcionalidade é importante, mas o bem-estar do cidadão também. O ser humano no centro das preocupações.

Exato. Enfim, outra característica de meu trajeto profissional foi a liderança. Fui presidente do Centro Acadêmico, orador da turma, influí muito na indicação do nosso paraninfo – tinha os arquitetos, Oscar Niemeyer, etc. –, mas foi um economista marxista; nosso paraninfo foi Mario Wagner Vieira da Cunha. Tudo isso mostra quem sou. Em 1956, depois de formado, fiz meu primeiro projeto: uma residência próxima do Aeroporto de Congonhas. O desenho foi publicado no Estadão e na Folha e foi para a Bienal. Como arquiteto, é o máximo que se pode imaginar, não é?



Há uma citação de José Saramago: “A minha ideia, a minha preocupação, é considerar o ser humano como prioridade absoluta. O ser humano é a matéria do meu trabalho e da minha cotidiana obsessão, a íntima preocupação do cidadão que sou e que escrevo”. Como arquiteto e planejador urbanístico, você trouxe isso para sua obra? O ser humano como centro das atenções?

Sim, sim, mas não era o ser humano, no meu caso, penso no cidadão. Ser humano como cidadão. O ser humano inserido num contexto da cidade. Não sozinho. O ser humano no espaço, na cidade, sem esquecer a questão econômico-social principalmente. E isso devo aos dois principais professores com quem tive aula na FAU: Artigas e Vieira da Cunha. Assisti a aulas de Lina Bo Bardi, aprendi muito com ela também,

mas era um pouco diferente. Na arquitetura era o Artigas e na economia o Vieira da Cunha.

Aqui temos um texto de um ciclo de conferências do qual você participou como convidado: “Necessidade de uma nova conceituação do que é o planejamento urbano, e, sim, precisa-se pensar no econômico-social [...] temos de pensar também num novo planejamento, numa nova configuração do urbano, pensando no cidadão”...

Exato, exato.

Depois da formatura trabalhou no escritório de Artigas?

Sim. Até 1960 estou no escritório do Artigas, fazendo minhas obrinhas. Em 1961, conheci



“Eu passei a desenvolver um trabalho de planejamento diferente, mais objetivo, realista e não sonhador”

e casei-me com Vera Lúcia, italiana do Bexiga. Eu estava muito ligado ao Partido Comunista no escritório do Artigas. Niemeyer, que também era do partido, estava sempre no escritório, o Marighela.

Você chegou a militar no partido?

Militante não, não era militante. Aliás, eu era meio avesso a essa rigidez.

Você mantinha relações com o grupo, mas não militava.

Sim e em razão dessas relações, fui convidado – pelo pessoal do partido – a trabalhar em Goiás. Como eu tinha formação rural, era um ambiente no qual teria facilidade. Cheguei e fui nomeado chefe da seção de topografia do Cadastro e Planejamento Urbano, do Departamento Estadual do Saneamento. Fazíamos toda cartografia. Fiquei muito tempo em Goiás. Não tinha estrada, não tinha nada; no norte de Goiás, havia o movimento dos camponeses. Toda a referência eram os rios e os camponeses estavam se organizando sempre à beira da água. Eu oferecia essa cartografia para dar apoio operacional.

Então era apoio operacional para organização dos camponeses?

Exato.

Por meio de um órgão do estado.

Sim, o Partido Comunista estava por trás. Ao mesmo tempo, por força do cargo que ocupa-

va, fazia o planejamento das cidades do interior, para receber o serviço de água e esgoto. Aqui temos um aspecto interessante. Em 1960 a FAU tinha um setor de urbanismo, não era um departamento. Anhaia Melo era o diretor da faculdade. Esse setor de planejamento fez alguns trabalhos: o Plano Diretor de Taubaté, de Ubatuba e Caraguatatuba, e de São José dos Campos. Os arquitetos sempre estiveram à frente do planejamento urbano. Era uma honra fazer o plano diretor de uma cidade. Mas o que acontecia é que algumas propostas eram inexequíveis. Não pensavam no social, nas comunidades; a responsabilidade social. Naquela época, os planos diretores eram muito coloridos, muito bonitinhos na parede, no quadro. Comigo aconteceu diferente. Quando fui para Goiás, o planejamento que propunha para os municípios era objetivo, porque era para água e esgoto. Eu passei a desenvolver um trabalho de planejamento diferente, mais objetivo, realista e não sonhador. Tanto é verdade que passei a receber em Goiás arquitetos de São Paulo, jovens que conheciam meu trabalho. Um deles, Carlos Bueno, era filho do prefeito de Mogi-Guaçu. Ficou uma temporada conosco, fazendo estágio para aprender meu método de trabalho. Foi projetada para fora de Goiás essa nova maneira de planejamento de forma mais objetiva, realista. Em 1964, com o golpe militar, fui preso mas, rapidamente pude vir para São Paulo, não fui para Porto Alegre. Voltei para São Paulo com essa bagagem que tinha desen-

volvido em Goiás, tecnicamente mais realista. Então, fiquei na dúvida: eu volto a fazer arquitetura? Permaneci quase cinco anos em Goiás, e arquitetura depende muito de relacionamento empresarial, imobiliário. Aqui em São Paulo não tinha relacionamentos; minha família era toda de Porto Alegre. Então pensei: por que não optar pelo planejamento? Assim, por meio de Carlos Bueno, que havia sido estagiário em Goiás, fiz o planejamento de Mogi-Mirim. Meu primeiro trabalho, com esta visão de integração do econômico-social com toda a estrutura físico-territorial.

Que você aponta aqui como nova urbanização.

Exato, onde o fato urbano, ele, simplesmente, é resultante da interação econômico-social. Era um trabalho extenso e meticuloso. Preparava o cadastro imobiliário do município para aperfeiçoar a arrecadação do IPTU, para obter renda para o município. Muitas vezes, era necessária uma reforma administrativa.

Na verdade era dado um passo atrás, para primeiro criar uma base.

Exato, inclusive, da própria prefeitura, fazia a reforma administrativa. Treinava o pessoal, para isso compunha uma equipe de técnicos especialistas. Normalmente, era toda ela de esquerda (risos). Mogi-Mirim foi a primeira experiência. Depois disso criei o GPI, juntei as pessoas e comecei a trabalhar com arquitetos, economistas.

GPI é o Grupo de Planejamento Integrado?
Sim, quando comecei em Mogi-Mirim foi a primeira integração econômico-social.

Foi o início de seu método.
Sim, o conceito do integrado, que é a integração do econômico-social, do territorial, abstrativo em várias ações no GPI. A primeira aplicação foi em Mogi-Mirim e, logo depois, em Santos. O planejamento é um processo técnico. Introduzi o conceito do integrado e o consolidei por meio da fundação do GPI. Mais tarde o governo federal, por intermédio do Banco Nacional da Habitação (BNH), criou o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (Serfhou) para, justamente, auxiliar os municípios nos planos diretores. O GPI foi um sucesso, queriam aplicar esse conceito no Brasil inteiro. Bem, depois que o BNH faliu, desandou esse conceito integrado.

Você percebe, hoje, um distanciamento da ideia?

Acho que se desgastou. Hoje em dia, temos a sustentabilidade, que é, digamos, a atualização do conceito integrado, e temos a questão ambiental introduzida como determinante; ligação que considero de grande importância. E entendemos que a sustentabilidade envolve, também, o econômico-social. Quando chefei a assessoria técnica da Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Urbano, no Rio de Janeiro, como não dominava o tema do meio ambiente, convoquei reuniões com os jovens ambientalistas do estado para discussões.



“Não há como olhar a urbanização sem pensar na implicação social do cidadão. A questão das ciclovias em São Paulo e as obras para as Olimpíadas no Rio de Janeiro. O que resulta para o cidadão?”

São Paulo, Rio de Janeiro por onde você circula mais, como percebe a urbanização neste momento?

Não há como olhar a urbanização sem pensar na implicação social do cidadão. A questão das ciclovias em São Paulo e as obras para as Olimpíadas no Rio de Janeiro. O que resulta para o cidadão?

Você mora no Rio de Janeiro, tem mais de 60 anos, o que proporia, a partir da sua percepção como cidadão que circula na cidade, que usa o transporte público, como considera a possibilidade de apropriação dos espaços da cidade?

Bem, é um aspecto que envolve diretamente a presença do ser humano, do cidadão, da sua vivência na cidade, independente da idade. Mas considero que, principalmente, os idosos e deficientes encontram mais barreiras. Um aspecto simples é o cumprimento da legislação em relação a isso. Por exemplo, as calçadas: sem degraus, sem desníveis.

Você aponta a questão da calçada, o que mais você apontaria no seu cotidiano que considera poderia ser melhorado em termos de respeito ao cidadão para apropriar-se da cidade? Você tem um olhar apurado como arquiteto, como urbanista, mentor de vários planos diretores, preocupado com o cidadão no espaço urbano.

Eu penso que, talvez, a questão dos transportes urbanos. Não conheço, a não ser na Europa, talvez fosse encontrar nas cidades nórdicas soluções mais apropriadas. Entretanto, vejamos, informações do cidadão sobre sua cidade, sobre seus espaços. Por exemplo, o Parque da Tijuca está inserido na metrópole do Rio de Janeiro, no entanto o cidadão não sabe nada so-

bre aquele espaço. Não sabe como usar o parque. Tenho uma proposta, um guia, um guia para o cidadão, para que seja ampliada a relação do cidadão com a cidade. O Parque da Tijuca é uma Unidade de Conservação Federal. O parque é um órgão federal, qual a determinação dele? Pesquisas, divulgação, estudos, ligação com o cidadão. Tudo isso é atribuição do órgão. O Parque Nacional da Tijuca é um órgão. Nesse guia quero orientar o cidadão sobre como usar os espaços da cidade. O que proponho é que essa relação não seja só do discurso, seja instrumentada, a relação do cidadão com o espaço. O discurso todo mundo fala, mas tem um instrumento informando?

Bem, Heitor, agradecemos sua disponibilidade em nos receber e compartilhar sua experiência. ☺